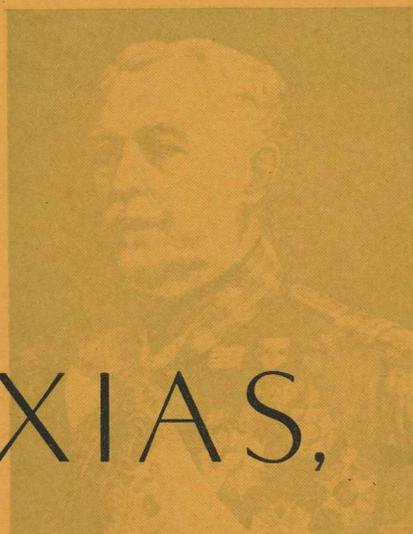


GENÁRIO ALVES FONSECA

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



CAXIAS,
SOLDADO
E CIDADÃO

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte

**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO**

GENÁRIO ALVES FONSECA

Reitor da Universidade Federal do RN

CAXIAS, SOLDADO E CIDADÃO

Palestra pronunciada em cadeia de
Estação de Rádios, em 24 de agosto
de 1971, a convite do Gen Meira Mattos,
Comandante da ID/7 e Guarnição Militar
de Natal.

Imprensa Universitária. agosto. 1971

“SEM TRADIÇÃO HISTÓRICA NÃO SE CULTUAM
SENTIMENTOS PATRIÓTICOS”

Senhores ouvintes desta cadeia de emissoras — muito bom dia —.

É com grande satisfação que, aproveitando a oportunidade concedida, nesta semana em que se comemora o “Dia do Soldado”, fazemos chegar aos vossos lares as expressões dos nossos sentimentos de eterna gratidão, respeito e reconhecimento aos feitos e à vida heróica do vulto imortal — patrono do nosso Glorioso Exército — o **Duque de Caxias**.

Para quem nasceu em Pôrto da Estrêla e viveu a profundidade de uma grande vida, como Caxias, certamente teve a predestinada influência do belo e bom nome de sua cidade natal.

Luiz Alves de Lima e Silva nasceu a 25 de agôsto de 1803, na fazenda São Paulo, no hoje Estado do Rio de Janeiro.

Descendente de família de militares ilustres de Portugal, filho do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, brasileiro, não fugiu à tradição familiar e, de acôrdo com os costumes da época, sentou praça, sendo reconhecido cadete aos cinco anos de idade. Não foi o seu ato apenas influência. Foi ato abençoado para uma Pátria que precisou de sua coragem de ser e de sua decisão criadora com veemência tal que, ainda hoje, quando lhe recordamos o nome, cada vez mais revelador de virtudes e exemplos, só alegria temos em cultuá-lo.

O futuro Duque de Caxias, já aos catorze anos, entrou para o serviço efetivo. A essa época, êle mostrava a virtualidade inata, da disciplina interior, do equilíbrio de saber e querer, consciente dos deveres que se lhe impunham. Aos 15 anos, já alferes, é transferido para a Academia Real Militar, criada por Dom João VI em 1814. Em 1821, é tenente, quando concluiu o curso de oficial e incorporou-se ao 1.^o Batalhão de Fuzileiros. O ambiente do quartel deu-lhe a necessária compenetração dêsse regime subjetivo de se saber responsável pelo próprio destino. Interessante: preparou-se para a carreira das armas com austera diligência, mas não traiu o sabor humanístico que a vida proporciona. Nesse tempo, muito estudou e leu poesia.

O ano de 1822 esperava-o para o batismo de fogo que o consagra no dia 28 de março de 1823, ao conquistar uma posição fortificada do inimigo rebelde com a declaração da independência do Brasil. Em julho do mesmo ano, Salvador é reconquistada — e êle, por algum tempo, pôde descansar os olhos sôbre as doces colinas baianas e afiançar para si mesmo que iria pagar um preço caro ao que o destino iria cobrar à sua grandeza de ser. Ao voltar ao Rio, trazendo na visão o clarão percuciente do que o aguardaria, foi aclamado e, sob o aplauso do próprio Imperador, é nomeado capitão, aos 21 anos de idade. A sua carreira de armas prolongava-se, desde então, com a virtude de saber unir a conduta do soldado à do cidadão exemplar.

Meus caros ouvintes:

Na história brasileira, ninguém como Duque de Caxias foi figura mais enérgica e mais humana, ao mesmo tempo; ninguém mais corajoso para derrotar o inimigo e ninguém mais magnânimo na hora da vitória; ninguém mais cumpridor da lei, do equilíbrio do viver social, da ordem e do império da Justiça. E porisso, seria um puro conservador, um imobilista; mas ninguém, também, mais preocupado com o problema social, com o problema do homem, em sua individualidade e em seu viver comunitário. Foi o primeiro homem público a levantar a questão social, embrionária, no que se referia às grandes propriedades, no amparo ao agricultor e no auxílio ao cultivo da terra.

Um homem de todos os tempos da civilização brasileira — capaz do gesto tão nosso de render-se a uma sentimento de grandeza humana, e saber, no momento devido, enfrentar duramente os desagregadores, os oportunistas, os inimigos da ordem e do bem-estar social. Foi um estadista de muitas dimensões, mas de um só temperamento. Agasalhando na sua roupa de soldado as melhores virtudes do homem do povo e do líder, guia, que soube dar testemunho, para merecer a lembrança da perpetuidade. Cognominado de “Unificador da Pátria e Pacificador da Alma Inquieta da Nação” esteve em todos os pontos do território nacional. Em todos os nossos horizontes históricos ficou a marca de sua presença luminosa e, através dêle somos uma nação, uma integração civilizada, uma expressão civilizatória. Porque êle uniu, e, ao mesmo instante, soube enlargar o que era pequeno e acanhado. Criou os limites de uma ação histórica, reprimindo na hora necessária e criando oportunidades de reabilitação para a hora amadurecida.

Senhores ouvintes!

Aos 21 anos, fugindo às tentações de uma mocidade que o rodeava, que se entregava à boemia fácil, o capitão Luiz

Alves de Lima e Silva preparava-se para combater o duro e bom combate pela Pátria.

Na Província da Cisplatina, está mais uma vez presente o cavaleiro audaz com seu signo e sua intrepidez. José de Alencar, o grande escritor que, só êle, soube dar as côres verdadeiras do inicial sentimento artístico do Brasil imperial, descreve o jovem capitão Lima e Silva, em ação de heroísmo, de coragem, feita do anonimato que o gesto heróico requer para poder eternizar-se.

Ao voltar dessa campanha memorável, é citado três vêzes por bravura e recebe as insígnias de major. A 7 de abril de 1831, revela a altura de seu caráter. Mesmo com o povo e tropa exigindo reformulação do Ministério — e, por conseguinte, a abdicação de Dom Pedro I —, fica ao lado do Imperador por dever moral. O imperador abdicando, daí em diante sua lealdade foi para com todos os princípios que podem definir a palavra Ordem, inspiradora da Lei, formuladora do equilíbrio da vida social. E sua ação é disciplinar à alma nacional indisciplinada, numa ação que se desenvolve a partir da Côrte.

A 2 de dezembro de 1839, ao entrar no Gabinete do Ministro da Guerra para agradecer-lhe a promoção a coronel, ouve essas palavras do seu Chefe:

“Eu não fiz apenas um coronel; fiz o general que há de pacificar o Rio Grande. Conheço aquela Província e não temos elementos para debelar a fôrça daquela região. Vá criar nome e prestígio no Maranhão e venha depois pacificar o Sul”. Era nomeado, então, comandante-geral das fôrças militares do Maranhão. Em São Luís, tratou de extinguir a históricamente famosa Balaiada.

A província maranhense era corroída por diversas doenças: políticos fracassados, governantes inescrupulosos e sem prestígio para com o povo; e a tropa pèssimamente preparada.

Sua ação foi radicular, totalizante. Reconstruiu tudo, deu alma nova à província — agora revisitada por inaugural tipo de vida — e venceu os insurretos. Nessa luta contra a Balaiada, o Coronel Lima e Silva inaugurava a tática da luta pelos flancos, no uso de três divisões, que sempre foi o **principal motivo** de suas vitórias militares. E, pela primeira vez, em nosso país, o inimigo era tratado e recebido como um ser humano.

Em 1842, está em São Paulo, para impedir novas revoltas, já agora no cargo de Comandante de Armas da Côrte. Segue para Minas, na mesma missão. Como soldado sempre pronto, e na sua obra garantidora da unidade nacional põe fim a guerra dos Farrapos. Em 1851, vence Oribes e Rosas. Depois, tenente-general e marquês, ocupa a pasta da Guerra no Gabinete Paraná.

Inicia a política de conciliação nacional. Seu nome é quase escolhido para a Chefia do Govêrno, mas as reservas de seu temperamento, adestrado na vida pública pela experiência humana, recua. Contudo, consolida o Império. Da política, repete, apenas, uma sua expressão favorita de que ela é “uma pesada cruz”.

Mesmo organizando e presidindo o ministério conservador, a pedido do Imperador, demite-se quando sente que sua autoridade está para ser ameaçada. E termina com a epopéia do Paraguai, quando o exército brasileiro é por êle novamente reorganizado, já nos seus 64 anos de idade. Trouxe a vitória como facho olímpico. Vencia o tempo avaro! era de nôvo um jovem a serviço da Pátria — e a missão de saber conduzir entrega uma vitória definitiva ao nosso patrimônio histórico, contra a sordidez da tirania truculenta.

De volta dos campos de batalha, duros e estiolados, torna-se Duque. Duque de Caxias, lembrando a cidade maranhense onde os **balaios** renderam-se diante do Coronel Lima e Silva. Entretanto, havia outro e último serviço a prestar ao Bra-

sil — presidiu o Gabinete entre 1875 e 1878 — novamente imbuído da missão de pacificar.

Até que lhe veio a paz definitiva, dois anos depois, na sua fazenda Santa Mônica, dever cumprido. E mais: lição que nos chega até hoje, nova na sua verdade, excelente em sua contemporaneidade, e carregada dêsse dramático acento humano, de ter sido a de um homem que viveu tôdas as horas, todos os minutos, para cumprir o seu destino, o destino que êle trouxe por escolha e por vontade: de servir ao Brasil até as últimas consequências dêsse gesto de amor. (As cinzas do Pacificador repousam hoje no Altar da Pátria).

Senhores ouvintes!

O Patrono do Exército Brasileiro, que recordamos com a homenagem permanente de sempre nêle visualizar as grandes virtudes nacionais, tem um exemplo que nem o olvido do tempo, que muitas vêzes tudo destrói, conseguiu sequer atingir. Um exemplo, não apenas de um soldado que cumpriu com seu dever, na expressão habitual. Mas, que soube enriquecê-lo, a cada dia, com um tipo sempre marcante de sua personalidade. Uma figura exemplar que não apenas se habituou a prestar um serviço profissional à sua Pátria, mas que criou, incessantemente, oportunidades de êsse serviço modificar-se em ação concreta, necessária, imprescindível. Que não se conformou em ser apenas mais um. De sua virtualidade poderosa e pessoal soube extrair o dom de multiplicar, de ordenar, de distribuir e de modificar. Foi, enfim, um espírito criativo e ordenador numa época histórica nacional em que tudo estava para ser feito, ou melhor dizendo, em que tudo estava para nascer.

É reencontrando êsse exemplo singular nas dobras da história e no curso esplêndido em que navega essa história, que nosso espírito presta uma homenagem especial a êsse homem que tanto soube compreender, ser justo, generoso e magnânimo, mas que, a serviço do Brasil, soube ser forte, valente e duro.

A generosidade inata de um temperamento bom, fê-lo um conciliador da alma nacional. Cumpria etapas, até que, ao sentir o escalão do artifício e da má-vontade vicejantes, sabia usar a coragem de exterminar essa face derrotada, que é a vingança sistemática dos maus. Conciliou e pacificou, uniu e engrandeceu. Contudo, foi apenas um na variedade do momento histórico.

Já no fim da vida, com os cabelos muito brancos, o porte hierático, mas sem solenidade, que é brasão dos poderosos sem alma, êle exigia no testamento que fôsem escolhidos seis soldados, dos mais antigos e de melhor conduta, para segurarem as argolas do seu caixão. Para quem nascera em Pôrto da Estrêla, foi bom morrer no campo, na sua fazenda Santa Mônica, certo de que combatera o combate justo, do herói e do sábio.

Senhores ouvintes!

O Brasil de hoje recolhe tôdas as lições do imortal Duque de Caxias. A grande missão renovadora iniciada pela Revolução de Março de 1964, não foge aos exemplos do Unificador da Pátria. Ao contrário, é seu corolário. Aqui, constrói-se o que já hoje, no estrangeiro, é chamado de milagre brasileiro. Tôda a potencialidade da grande pátria, antevista pela lucidez do Duque de Caxias, está sendo agora realizada. Com decisão e coragem — como êle agia — com grandeza e sentimento de verdade como êle sempre viveu. E, se em qualquer momento, dêle precisarmos, para nossa fortaleza, é revê-lo com a mesma imaginação do artista que o fixou na tela e os cronistas escreveram: a do homem bravo, valente e decidido, encaminhando os soldados para a luta definitiva contra os paraguaios, falando de cima de seu cavalo branco, com a voz real dos que provaram para sempre a vocação de tôdas as resistências humanas: “SIGAM-ME OS QUE FO-REM BRASILEIROS”.

Caxias! Continuaremos sempre a seguir teu imortal exemplo! . . .

Trabalhos gráficos executados pela Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, sendo Reitor da Universidade o professor Genário Alves Fonseca e Diretor da Imprensa o professor Geraldo Batista de Araújo. Terminou-se de imprimir em agosto de 1971.



